

Robinson Santos Pinheiro

Doutorando em Geografia do IESA, Universidade Federal de Goiás (UFG)  
robinson22pinheiro@yahoo.com.br

---

# “Memória” de um período temporal/espacial do regime militar brasileiro: o hoje<sup>1</sup> Mato Grosso do Sul na obra de reminiscências *A poeira da jornada: memórias*

## Resumo

Busca-se pensar partes do processo de formação territorial do hoje Mato Grosso do Sul através do diálogo com a obra memorialística *A Poeira da Jornada: memórias* (1980), escrita por Demosthenes Martins. A presente interpretação discursiva apresenta-se profícua por possibilitar entender como determinado grupo social - representado pelo autor das referidas memórias - pensou as formas/os conteúdos com que a espacialidade se apresentou antes e durante um período (1964-1979) do Regime Militar brasileiro.

**Palavras-chave:** Mato Grosso do Sul, identidade, formação territorial.

## Abstract

“MEMORY” OF A PERIOD OF TIME /SPACE OF BRAZILIAN MILITARY REGIME: TODAY´S<sup>2</sup> MATO GROSSO DO SUL IN THE BOOK *A POEIRA DA JORNADA: MEMORIES*

The article intends to think parts of the territorial formation´s process of today´s Mato Grosso do Sul through the dialogue with the memorialistic book *A Poeira da Jornada: Memórias* (1980), written by Demosthenes Martins. This discursive interpretation is useful because it allows to understand how do a social group -

represented by the book's writer - thought forms/contents that spatiality showed before and during a period of time (1964-1979) of the Military Regime in Brazil.

**Key-words:** Mato Grosso do Sul, identity, territorial formation.

## 1. Introdução

O presente texto é fruto de parte das discussões que desenvolvemos durante o ato de dissertar sobre o processo de identificação territorial sul-mato-grossense<sup>3</sup>: o fizemos através do diálogo com a obra memorialística *A poeira da jornada: memórias* (1980), de Demosthenes Martins.

Demosthenes Martins procura rememorar, em suas páginas, 65 anos vividos em solos “sul-mato-grossenses”, mais precisamente o que ele considera ser de vida pública<sup>4</sup>. São raros os momentos em que o narrador cita os momentos “privados”; apenas diz do dia em que se apresentou aos pais de sua futura esposa e, em meio ao texto, evidencia o nascimento de algum filho ou filha.

Conquanto, antes de relatar suas (des)venturas no hoje Mato Grosso do Sul tece comentário sobre os percursos que antecederam sua chegada (década de 1910). Percebe-se, em sua escrita, que seu começo de movimentação espacial remete-se para tantos outros começos de inúmeros brasileiros que almejavam percorrer as regiões brasileiras em busca de melhorias das condições de vida como a concretização de sonhos/desejos.

Demosthenes Martins, em busca de realizar o sonho de se tornar advogado, participa de um contínuo territorializar, desterritorializar e reterritorializar. Assim, aos 17 anos, de Recife migrou para a região norte do país, depois foi para Belém-PA com o intuito de estudar Direito e trabalhar para suprir suas necessidades. Nesta localidade, por conta do declínio do denominado ciclo da borracha – dado por um contexto de “biopirataria”<sup>5</sup> que reestruturou o mercado mundial deste produto – fica sem emprego.

Desta forma, resolve tentar “assumir” a profissão de telegrafista que aprendera com o seu pai aproveitando a visita do Marechal Cândido Rondon<sup>6</sup> a cidade de Belém, PA. No momento que conhece o Marechal, solicita o emprego pretendido; após um intenso diálogo consegue se tor-

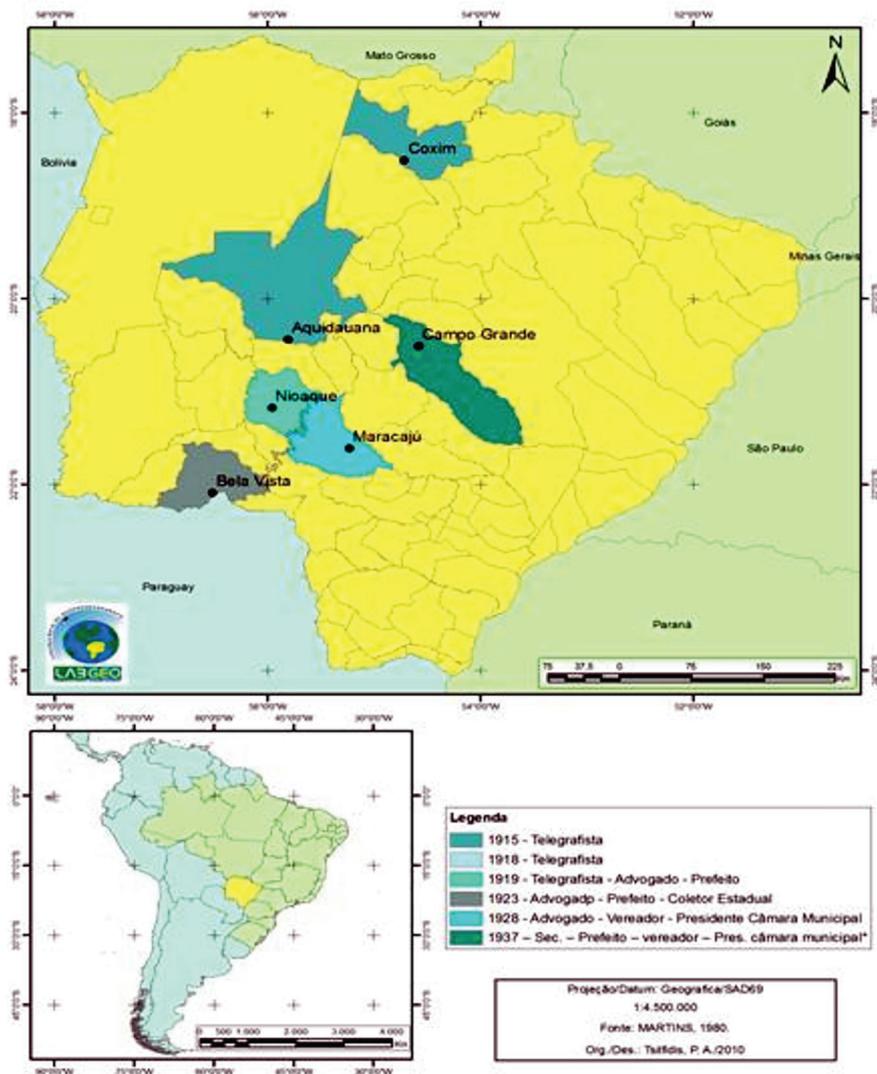
nar telegrafista. Como telegrafista, Demosthenes Martins experimenta o viver em diversas espacialidades. Primeiro, encaminha-se para a então capital brasileira, o Rio de Janeiro, depois é removido para Vitória-ES. Após a última remoção, em dois anos, aproximadamente, desloca-se para cinco cidades, como o autor/narrador relata: “Posteriormente retornei ao Rio e daí, sucessivamente, para Santos, Iguape, Uberaba e Mato Grosso” (MARTINS, 1980, p. 36).

Com suas memórias, Demosthenes Martins inscreve-se como fonte “rica” para compreendermos o processo de formação territorial sul-mato-grossense. Isto ocorre porque o enredo da mesma se passa por grande parte do território que hoje é denominado como Mato Grosso do Sul (ver mapa 1). Possibilita, assim, visualizar como uma parcela dos diferentes grupos sociais estava se organizando e se reestruturando frente a diferentes contextos históricos, tais como: a inserção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil; o fim da 1ª Guerra Mundial; a Crise de 1929; a Revolução (ou Golpe de Estado) de 1930; a revolução constitucionalista de 1932; a ascensão do governo Goulart, seguido pelo período de tomada do poder pelos Militares e suas posteriores ações até o ano de 1979, sendo os dois últimos momentos históricos aqui discutidos.

No sul do antigo Mato Grosso, de início, desenvolve a atividade de telegrafista, após um período, começa a exercer a função de advogado de Nioaque, resolvendo questões que envolvem a posse de terras. Para além de telegrafar e advogar (como averiguado no mapa supracitado), o mesmo atua como líder político partidário, vereador, prefeito, secretário, coletor estadual. São essas atividades que permitiram que Demosthenes Martins conseguisse, em seu trabalho, reunir uma grande quantidade de informações/fontes referentes à formação espacial e histórica do hoje Mato Grosso do Sul. Como argumenta Bungart Neto (2009), as recordações que afloram em Martins visam estabelecer os elos da construção política, econômica, cultural, administrativa de uma porção territorial localizada no sul do antigo estado do Mato Grosso.

### Mapa 1

MOVIMENTAÇÃO ESPACIAL EM SOLOS SUL-MATO-GROSSENSES E RESPECTIVAS ATIVIDADES EXERCIDAS POR DEMOSTHENES MARTINS



Deste enredo narrativo, dentre os ditos e não-ditos (GADAMER, 2007), selecionamos um fragmento para apontar elementos que permitem entender como parcela, mimeticamente representada na escrita de Demosthenes Martins, dos habitantes do hoje Mato Grosso do Sul (re)significaram a espacialidade (multi-escalar – espaço e tempo = relacional) vivida nos momentos que antecederam o Golpe Militar, bem como a efetivação/ instalação da Ditadura. O que queremos apontar, para início de “conversa”, é que a obra memorialística de Demosthenes Martins, *A poeira da Jornada: memórias* (1980), permite compreender, em partes, determinado espaço e tempo no seu contínuo de “(re)” = invenção/ produção/ construção social e espacial.

## **2. João Goulart, o Regime Militar e a secção do estado: “surge” o Mato Grosso do Sul**

A “revolução” de 1964 ganha, nas páginas da obra *A poeira da Jornada: memórias* (1980), ar de luta contra os comunistas. Demosthenes Martins, antes de entrar propriamente no golpe Militar de 1964, expõe, a partir de suas interpretações, os elementos que findaram na ascensão dos militares ao poder Político e Administrativo do Brasil. A questão central gira em torno das ações e estratégias políticas que o então Vice-Presidente João Goulart tentou esquematizar para permanecer no poder após a renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961.

João Goulart, para se tornar Presidente, num primeiro momento, aceitou a condição de permanecer com o regime parlamentarista, todavia, com o passar do tempo, buscou, através de um plebiscito, o fim do regime Parlamentarista e a volta do Presidencialismo, que, segundo Demosthenes Martins (1980, p. 237), “[...] tinha a seu favor a maioria dos votos dos brasileiros”. Esta foi a estratégia que João Goulart adotou para assegurar algumas políticas de cunho social, no entanto, trouxe o descontentamento por parte das classes que até então estavam gerindo o país, como podemos observar na passagem que se segue:

O retorno ao presidencialismo, regime que enfeixa nas mãos do Executivo a maior soma de poderes na dinâmica governamental, ensejou prontamente o desenvolvimento do plano subversivo que os corifeus do regime comunista, aninhados à sombra de Goulart, se desencapuzaram. Eram as greves, açuladas pelos dominadores dos sindicatos, insuflando a luta de classes; a falência da assistência social, explorada por aproveitadores; as Ligas Camponesas de Francisco Julião, e os grupos dos 11, de Leonel Brizola, tudo isso perturbando, conturbando, inquietando, de mãos dadas com uma inflação disparada (MARTINS, 1980, p. 237).

O fragmento reverbera para o fato de que o que estava em disputa era o medo da classe média<sup>7</sup> sair prejudicada pelas ações realizadas por Goulart e seus ministros. Esta passagem torna-se muito interessante a nossas pretensões analíticas identitárias, pois demonstra quem e o que o autor estava interessado em defender. As palavras que interpretamos estavam direcionadas aos questionamentos das atitudes e dos valores tomados por Goulart, dizendo que o mesmo agia a partir do caráter de subversão, iniciada após a renúncia de Jânio Quadros. Motta (2006) contribui para essa interpretação ao evidenciar que a ascensão de Goulart à presidência incitou, por parte dos liberais e conservadores, o surgimento do discurso de luta contra o Comunismo. Este fato ocorreu devido a algumas políticas realizadas ou apoiadas por Goulart irem de encontro aos interesses das articulações das elites (rural ou urbana). Vários foram os governos que se rebelaram contra o então Presidente do Brasil. Como foi o caso do Governador do antigo Mato Grosso, Fernando Corrêa. Nos anos de 1962 e 1963, Fernando Corrêa foi o mensageiro, no dizer de Demosthenes Martins, do desgosto pelo governo de Goulart.

Nesse cenário, segundo Demosthenes Martins (1980, p. 238), Mato Grosso sai muito prejudicado: “Estado de predomínio da classe média, cuja economia se baseia na pecuária e agricultura”. Frente a esta constatação da realidade socioeconômica, ele continua e acrescenta como se o desgosto pelas ações realizadas pelo então Presidente do Brasil fosse algo de consenso geral, assim, ele incita seu leitor a crer que todos os sul-mato-grossenses eram contra o Presidente e que a partir de então iniciaram seu apoio às críticas e lutas que as mais diferenciadas articulações políticas realizavam contra o Governo de Goulart, como podemos observar na seguinte passagem: “[...] passou nossa ação a despertar a atenção do povo para a grave ameaça que se urdia” (MARTINS, 1980, p. 238)<sup>8</sup>.

Como Demosthenes Martins estava articulado à elite formada pelos pecuaristas e pelos agricultores, que participavam de forma efusiva nas campanhas eleitorais de Mato Grosso, articula seu discurso com o intuito de derrubar os movimentos sociais que se levantaram a partir da ascensão de Goulart à Presidência da República. Para o sul de Mato Grosso, o cenário se apresentava frente a uma grande tensão entre os movimentos sociais pró-reforma agrária, pecuaristas e agricultores. Estas divergências renderam páginas de ásperos comentários questionando as ocupações das fazendas. Nesta medida, a elite que se sentia prejudicada articulou seus poderes e iniciou o arsenal discursivo e prático ante o perigo eminente que eles denominavam Comunismo.

Demosthenes Martins afirma, em algumas páginas de sua obra, que os comunistas intentavam tomar as terras dos fazendeiros. Frente a isso, as elites rurais “desejavam uma medida preventiva em face da projetada invasão de propriedades rurais por elementos instigados e dirigidos por Antonio Antero de Almeida, moço bacharel em direito, agitador comunista” (MARTINS, 1980, p. 240). E continua expondo um discurso muito comum à contemporaneidade, de que os movimentos que lutam pela reforma agrária são agitadores e “vagabundos”, que não querem enfrentar a dura labuta de desbravar as matas virgens, assim, buscando se apropriar do que já foi duramente transformado e delimitado pelos “colonizadores”. Nas palavras de Demosthenes Martins (1980, p. 240):

Aproveitando-se dessa circunstância, os comunistas insinuavam-lhes a apropriação das fazendas de grandes áreas cujos proprietários, geralmente, residiam nas cidades. A terra – diziam eles – deve pertencer aos que nela querem viver. E seria muito mais suave tomarem as terras já desbravadas do que obtê-las, ainda virgens, doadas pelo Governo, pregava a demagogia comunista.

Novamente fica evidente a postura de Demosthenes Martins frente às tramas que a sociedade estava confeccionando. Uma postura dada à defesa da elite do hoje Mato Grosso do Sul, esquecendo-se ou preferindo omitir todo o processo histórico (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2007) que envolve, por exemplo, a luta pela terra, o direito ao acesso ou retomada da mesma. Oliveira (1996) contribui com a presente discussão, pois evidencia que a luta pela terra se inicia com a desapropriação que os indígenas sofreram

como resultado da homérica expansão do sistema capitalista. Nas belas palavras de Oliveira (1996, p. 11):

Talvez, estivesse aí o início da primeira luta entre desiguais. A luta do capital em processo de expansão, desenvolvimento, em busca de acumulação, ainda que primitiva, e a luta dos “filhos do sol” em busca da manutenção do seu espaço de vida no território invadido.

Outro exemplo de luta pela terra que Demosthenes Martins não leva em consideração encontra-se em Fernandes (*apud* MARTINS, J., 1998, p. 9), quando o mesmo, referindo-se à segunda metade do século 19, ressalta o processo de marginalização que os negros passaram na reintegração econômica e social do campo, pois, “as tendências de reintegração da ordem social e econômica expeliram, de modo mais ou menos intenso, o negro e o mulato do sistema capitalista de relações de produção no campo”.

No entanto, no dia 31 de março de 1964, a situação vivenciada por Demosthenes Martins sofre uma grande reviravolta, e esta reviravolta, nas páginas da obra, ganha em calma: Demosthenes Martins se vê frente à ascensão do Regime Militar, com o comando do General Castelo Branco. O governo militar trouxe a tranquilidade para a elite dos agricultores e dos pecuaristas, pois o medo das ações comunistas já não mais participa dos assuntos cotidianos.

Outro aspecto interessante é a pretensa coesão de interesses, tanto dos habitantes do norte como do sul, em lutarem contra o Governo Goulart<sup>9</sup>. Esta pretensa coesão, interpretando a escrita de Demosthenes Martins, deixou de lado, por um tempo, as discussões seccionistas. Nas palavras de Demosthenes Martins (1980, p. 246):

Em Mato Grosso, a nova situação emergente foi recebida com aplausos e apoiada com entusiasmo. Pela primeira vez, nos movimentos políticos que culminavam com ações revolucionárias, os mato-grossenses estiveram unidos, eis que sempre foi uma constante, nesses episódios, a divergência entre as duas regiões em que se representa o Estado – o Norte e o Sul.

E acrescenta dizendo que: “Não houve, a favor da ação comunizante do Governo Goulart, a mais leve manifestação. Governo, povo, partidos e Forças Armadas estiveram coesos sob a bandeira de 31 de Março, a quem deram sua contribuição integral” (MARTINS, 1980, p. 246).

Segundo Demosthenes Martins, passados os primeiros meses da Revolução, após as primeiras medidas do Regime Militar se efetivarem, a tranquilidade do país foi retomada, com isso, a população voltou a seus afazeres rotineiros, como o próprio autor das memórias escreve (1980, p. 247):

Consolidada a Revolução e tranqüilizado o País, os nossos esforços e atenções fixaram-se na administração, em que graves problemas se encontravam em equação, especialmente os relativos às vias de comunicação e à eletrificação.

A calma, dentro de um “se silenciar” forçado, que a revolução trouxe, findara, segundo Demosthenes Martins, com as articulações governamentais que seriam realizadas em 1965. Diante disso, as divisões através das coordenadas geográficas (sul e norte) reaparecem, acompanhadas das diferenciações identitárias; no dizer de Woodward (2000, p. 9): “A identidade é, assim, marcada pela diferença”.

Os Udenistas, ligados ao partido UDN (União Democrática Nacional), diziam da necessidade de colocarem um candidato do sul no palacete do governador. Este lugar, já havia sido ocupado outras vezes por representantes que tinham suas relações políticas com o sul, entretanto, nenhum nascente desta territorialidade houvera ocupado tal posição (MARTINS, 1980, p. 248). Nomes foram cogitados, a UDN pensou em lançar o Dr. José Fragelli, o partido ADEMAT (Ação Democrática Mato-Grossense) tinha lançado a candidatura do pecuarista Lúdio Martins Coelho.

Estes não gostariam que fossem lançados dois candidatos da mesma territorialidade, isto poderia se refletir na derrota eleitoral, pois iria rachar os votos dos cidadãos do sul, que se apresentavam em maioria, em relação ao norte. A decisão foi tomada a partir da eleição direta dos candidatos via apreciação dos partidários. Do resultado, viu-se que Lúdio Martins Coelho recebeu o maior número de votos e ficou decidido que ele seria o candidato do sul na campanha eleitoral para o governo de Mato Grosso, em 1965.

O seu concorrente direto foi o engenheiro Pedro Pedrossian. Decididos os candidatos, as eleições iniciam-se com comícios, entregas de panfleto e muito suor partidário, como Demosthenes Martins deixa transparecer nas páginas de sua obra. Para além desses elementos eleitorais, a campanha se presentifica dentro da ordem do discurso, em que a todo o momento

os contrários de Pedro Pedrossian argumentavam que este era dado a políticas subversivas, e que o mesmo apoiara o governo Goulart quando trabalhava como um dos diretores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Para comprovar a verdade da qual Demosthenes Martins se sente portador, cita, em sua obra, uma coluna publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em que faz referência à candidatura de Pedro Pedrossian ao governo de Mato Grosso. A notícia tinha por intuito mostrar para os líderes da revolução Militar quem estava concorrendo para o governo de Mato Grosso e que a vitória de Pedrossian poderia ir de encontro aos anseios da revolução, como podemos observar na passagem a seguir:

[...] Nunca na história da Noroeste a autoridade da administração se mostrou tão vacilante e comprometida como na gestão do Sr. Pedrossian. S. Sa. confiou cargos de chefia a elementos comprovadamente comunistas. Até funções da mais alta responsabilidade, como a de diretor assistente administrativo, passaram a ser desempenhadas por gente que não fazia segredo das suas tendências subversivas, o que permitiu que a agitação comunista se fizesse às claras em todos os setores da estrada (O ESTADO DE S. PAULO, *apud* MARTINS, 1980, p. 258).

Novamente o grupo que participava da articulação política de Demosthenes Martins se apropria de manifestos contra ações comunizantes para atacar Pedrossian durante as campanhas eleitorais. Depois das eleições, temos a vitória de Pedro Pedrossian e o desconforto de Demosthenes Martins frente a tal resultado:

Realizado o pleito, verificou-se a vitória da coligação PSD-PTB, elegendo Governador do Estado o engenheiro Pedro Pedrossian, cujo perfil de homem público estava traçado, embora sem singelo esboço, no comentário d'O Estado de S. Paulo que transcrevemos páginas atrás (MARTINS, 1980, p. 259).

Com o passar das eleições, o Regime Militar autorizou o funcionamento de apenas dois partidos, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). A ARENA representava os favoráveis ao Regime Militar e o MDB representava os contrários a tal Regime<sup>10</sup>, contudo, como vivíamos num momento de muita repressão, tal contrariedade era controlada pelos militares. O partido do qual Demosthenes Martins era membro é fechado e os seus integrantes agora fazem parte da ARENA. Na obra, fica claro o apoio e a fidelidade que Demosthenes

Martins tem pelos militares e sua “fé” frente à nova conjectura nacional:

Solidário que fui com a Revolução a que dei o integral conteúdo do meu impenitente idealismo, alinhei nela as forças que sumariavam a UDN, de cujo Diretório Regional era, então, Presidente. Fiz questão de inscrever-me nas fileiras da Arena como modesto soldado (MARTINS, 1980, p. 259).

Esta passagem demonstra o quanto Demosthenes Martins se apresenta vinculado à ordem dominante em seu olhar e escrever sobre suas reminiscências temporais e espaciais. Com a posse de Pedro Pedrossian no Governo do Estado, Demosthenes Martins se vê obrigado a deixar seu cargo de Secretário do Interior, Justiça e Finanças e, junto a este, renuncia ao cargo que exercia como diretor da CELUSA (Centrais Elétricas de Urubungá S. A.), voltando a sua atividade de advogado, com a qual sempre sonhara, todavia, sem antes dizer dos benefícios que obtivera enquanto um dos diretores da CELUSA (MARTINS, 1980, p. 262, 263 e 264).

Nas páginas que se seguem em sua obra, percebe-se a profundidade discursiva e os conflitos que colocavam Demosthenes Martins e Pedrossian em constantes divergências. Acusações e provocações são evidenciadas por Demosthenes Martins nas páginas de sua obra memorialística. Demosthenes Martins dedica um capítulo sobre um projeto de *Impeachment* contra Pedro Pedrossian, e este projeto está assentado sobre possíveis irregularidades que Pedrossian cometera quando engenheiro da Noroeste do Brasil: “[...] não foi ele acusado de irregularidades, mas sim faltas graves [...] para as quais desviou verbas e rendas da Noroeste do Brasil” (MARTINS, 1980, p. 283).

Em páginas subsequentes, Demosthenes Martins evidencia as ilegalidades que observava no governo de Pedrossian, contudo, aqui não iremos nos ater a estas e sim destacar as reações representadas por seus discursos perante os percalços e as conquistas que ia vivenciando. Demosthenes Martins, ao destacar as ilegalidades que fundamentam o projeto de *impeachment* contra Pedrossian, e diante da inércia por parte do Governo Militar, começa a ver com muito pesar as atitudes tomadas após a implantação do Regime Militar:

A ação que a Revolução exercitava em Mato Grosso, através do Governo Pedrossian, criara-me, moralmente, o impedimento de aplaudi-la. Seria desmentir toda a minha

luta em mais de 50 anos de vida pública, desde a juventude, engajada em todos os movimentos que agitaram o país com o objetivo de restabelecer a honestidade na administração pública, banindo a corrupção, e nas eleições, libertando-as das atas falsas, verdadeira conspiração do regime democrático (MARTINS, 1980, p. 295-296).

Demosthenes Martins, segundo nossa interpretação, acreditava de forma veemente que a organização política realizada pelo Regime Militar poderia levar o arranjo social brasileiro à esperada moralidade nas relações políticas com o “desenvolvimento e progresso” da nação. Nesse sentido, percebe-se que o sentido de verdade para Demosthenes Martins adentra numa opção meramente relativista, através da qual nega as escalas temporais e espaciais que contextualizam a ordem política e espacial na época. Diversas vozes e lugares das diferentes falas foram abafados pelo silêncio autoritário imposto pela ditadura e isto faz com que seja inviabilizada a leitura da amplitude do território, do que estava efetivamente acontecendo, muito além dos desejos e ilusões de uma minoria dominante.

Nos capítulos finais de sua obra memorialística, ele se dedica a falar da secção do estado. Os momentos de efetivação do projeto de redivisão territorial, a consolidação do novo estado da federação e sua primeira eleição.

O projeto arquitetado pelo então ministro do interior Rangel Reis foi aceito pelo Presidente Geisel, para Demosthenes Martins (1980, p. 372): “Era o coroamento de um ideal que vinha desde o fim do século passado, o reconhecimento de um imperativo geoeconômico, a conseqüência lógica da desajustada constituição do grande Mato Grosso”. Segundo o autor, os esforços que se iniciaram no início do século foram conseguidos através da lei:

[...] complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977, do Congresso Nacional, aprovando o projeto do Presidente Geisel, o término da trajetória, o ponto de chegada de uma idéia que vem iluminada de antecedentes históricos e determinada por fatores geográficos, econômicos, hereditários e políticos, ressaltantemente positivos (MARTINS, 1980, p. 373).

Geisel (*apud* MARTINS, 1980, p. 375) profere o seguinte discurso; num primeiro momento, dedica-se a acalantar o povo do norte e dizer que os esforços se somam para consolidar dois estados fortes, como segue:

A tarefa que nós temos pela frente é imensa. Vamos construir praticamente dois Estados: Mato Grosso do Sul que passa a ter vida política, e Mato Grosso do Norte que vai se defrontar com novos problemas mais difíceis, pela necessidade de recursos para compensar aqueles que hoje perde.

E finda o seu discurso afirmando que:

Com o nosso esforço, com a nossa vontade de realizar, usando as potencialidades do território e a capacidade da população e usando o poder econômico-financeiro da União e o seu poder político, eu lhes confesso: tenho em mim seguras esperanças de que nós vamos construir dois futuros grandes Estados do Brasil (GEISEL *apud* MARTINS, 1980, p. 375).

Estas são as palavras que, segundo Demosthenes Martins, Geisel proferiu para acalentar as perdas que o norte sofrera com a emancipação política e administrativa do sul e dizer do seu apoio para garantir a sustentabilidade do mesmo, assim como para efervescer a “conquista” que os sulistas<sup>11</sup> tiveram. No penúltimo capítulo, Demosthenes Martins dedica-se a tecer palavras de agrado a Vespasiano Martins<sup>12</sup>, dizendo que este foi um dos precursores dos ideais divisionistas, assim, costurando os primeiros fios identitários após a secção, elegendo homens que pudessem ser utilizados como representantes da identidade sul-mato-grossense. Por fim, finda suas memórias deixando transparecer um ar de tristeza e desalento com os rumos que a sociedade, no comando dos Militares, estava tomando: “[...] como na queda se esfacelam até os símbolos e as imagens, redobram-se os cuidados no trajeto...” (MARTINS, 1980, p. 396).

### **3. Considerações finais**

*A poeira da jornada: memórias* pertence à idiossincrasia de seu enunciador, o qual buscou enquadrar (POLLAK, 1989) suas memórias as formas com que gostaria de ser visto, lembrado socialmente. Demosthenes Martins coloca-se enquanto o portador da verdade, do bom senso, da moralidade, assim, conferindo-se o direito de subjugar, sombrear (BRANDÃO, 2005) ignorar, atacar etc. “todos” que não se “ajeitassem” as suas verdades ideológicas, filosóficas, morais, culturais etc.

Acreditamos que os discursos têm poder de interferir e produzir a espacialidade (MASSEY, 2008) e a temporalidade (SANTOS, 2007). É de importância sabermos apontar de que maneira as crenças, os valores, as ideologias etc. de “cada um” – em seu grupo social – interferem na produção/construção/invenção do espaço-tempo, sabendo destacar quem cada discurso marginaliza, esquece, exclui, bem como quem o mesmo traz à luz de sua enunciação (ACHUGAR, 2006), conferindo o *status* de detentor da dignidade, da moralidade, da civilidade etc.

Em termos espaciais, há discursos que legitimam o direito temporal e espacial de ser e reproduzir de determinados grupos sociais (temporais e espaciais diversos) e deslegitimam o mesmo direito de “outros” (geralmente não pertencentes aos valores/ crenças/ideologias ocidental/moderna/capitalista). Nesse sentido, verifica-se que a espacialidade, nas páginas de Demosthenes Martins, no período compreendido pouco antes e durante a Ditadura Militar – 1964-1979, configurou-se em seu contínuo de mesquinhez e da vileza de determinados grupos sociais, que buscavam manter privilégios sociais ou almejavam ter outros. Basta lembrarmos, no desenvolvimento do texto, a felicidade extrema do autor com a ascensão dos militares ao poder, pois isso iria coibir os “comunistas” de se estabelecerem na gerencia territorial, seguida de decepções, pois os militares não interferiram no processo eleitoral, o que culminou na eleição, como governador, de um desafeto do narrador das memórias. Como resultado, Demosthenes Martins termina por demonstrar desalento e frustração com os últimos acontecimentos, preocupado com o futuro da sociedade, bem distante daquilo que idealizou.

Demosthenes Martins esqueceu-se que as idealizações por si só são imperfeitas, difícil será conseguir idealizar e “aplicar”. Esta constatação, por analogia, pode ser estendida aos estudos geográficos, em que os pesquisadores consigam compreender os limites e possibilidades das análises frente aos processos que envolvem o contínuo espacial e temporal. O importante, na contemporaneidade, é não cometermos os mesmos erros, abusos, esquecimentos etc. de outrora, isto para conseguirmos efetivar um processo de imaginação/construção/produção espacial a partir da diferença/diversidade, permitindo o coexistir numa política/psicoesfera de integração.

## Notas

<sup>1</sup> Antes de 1977 o território do hoje Mato Grosso do Sul pertencia ao Mato Grosso.

<sup>2</sup> Before 1977 today's Mato Grosso do Sul belonged to Mato Grosso.

<sup>3</sup> Ver: Pinheiro (2010).

<sup>4</sup> Ver: Lejeune (2008) e Bosi (2003).

<sup>5</sup> Segundo Jackson (2011), Henry Wickham, no fim do século 19, retorna a Inglaterra com milhares de sementes de seringueira. Depois de estudadas no centro botânico inglês – Kew Gardens –, são semeadas nas colônias inglesas tropicais. Como resultado, há o aumento da oferta da borracha com preços mais atrativos devido à “otimização” da produção em comparação com a estrutura brasileira de produção e colheita em meio à dificuldade de produzir na floresta.

<sup>6</sup> Este, no momento, era responsável pela instalação de redes de telégrafos em partes distantes do então “desconhecido” território nacional.

<sup>7</sup> Destacamos os limites analíticos de Demosthenes Martins, por ser a própria classe média a que mais lutou contra o golpe militar e a ditadura. Numa passagem da obra memorialística de Gabeira, *O que é isso companheiro?* (1981), encontramos um dito que muito contribui com o que arguimos. Gabeira (preso político da Ditadura Militar Brasileira, implantada em 1964) estava num barco que o levava de transferência da prisão Ilha das Cobras para a da Ilha das Flores, e neste momento expõe o sentimento de derrota que a classe média sofrera com o “avanço” dos militares no período de Ditadura Militar; assim, Gabeira (1981, p. 167) escreve: “[...] O barquinho, que deslizava no domingo azul do mar, há apenas alguns anos, nos levava agora, com todos os sonhos e derrotas de uma classe média urbana brasileira, para a ilha das flores”.

<sup>8</sup> Para quem almeja se aprofundar no assunto sobre o governo Goulart e ascensão do Governo Militar ver: Motta (2006).

<sup>9</sup> Quando de seu interesse, Demosthenes Martins (1980, p. 248) procurava destacar a diferença entre as duas referências geográficas (Norte e Sul), como podemos observar: “Esta região (Sul – destaque nosso) [...] continha o maior número de municípios, a maior população, o maior eleitorado e a expressão mais dinâmica de sua economia, não tivera, ainda, um filho seu a governá-lo”.

<sup>10</sup> Não necessariamente todos eram contrários – alguns representantes de determinadas elites locais perderam autonomia no interior da ARENA, e, com isso, fizeram opção pelo MDB.

<sup>11</sup> Aqui cabe suscitar uma questão anterior a esta: será que realmente a construção/invenção/efetivação da seção participou das vontades de todos os mato-grossenses?

<sup>12</sup> Na Revolução Constitucionalista de 1932, a parte sul do antigo Mato Grosso tornou-se o estado de Maracaju, e este foi comandado por Vespasiano Martins (na época prefeito de Campo Grande). O estado se firma porque os líderes políticos/econômicos do sul estavam descontentes com as políticas de Getúlio Vargas, com isso, buscaram a seção aos apoiadores, os moradores da parte norte do antigo Mato Grosso, de tal governo.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem bocas**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 278 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Historia:** a arte de inventar o passado. Bauru-SP: Edusc, 2007. 256p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Grafias de identidade:** literatura contemporânea e imaginário nacional. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina Editora/Fale (UFMG), 2005. 176 p.

BUNGART NETO, Paulo. O memorialismo no Mato Grosso do Sul como testemunho da formação do estado. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). **Literatura e práticas culturais.** Dourados, MS: UFGD, 2009. p. 111-127.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** 26 ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. 190 p.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva.** Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. 96 p.

JACSON, Joe. **O ladrão no fim do mundo:** borracha, poder e as sementes do império. Trad. Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 448 p.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 360 p.

MARTINS, Demosthenes. **A poeira da jornada:** memórias. São Paulo: Resenha Universitária, 1980. 560 p

MARTINS, José de Souza. **O cativo da Terra.** São Paulo: Hucitec, 1998. 157 p.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço:** por uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. João Goulart e a mobilização anticomunista de 1961-64. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **João Goulart:** entre a memória e a história. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 112-122

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **A geografia das lutas no campo:** conflitos e violência; movimentos sociais e resistência; os “sem-terra” e o neoliberalismo. São Paulo: Contexto, 1996. 101 p.

PINHEIRO, Robinson Santos. **Geografia e literatura:** diálogo em torno da construção da identidade territorial sul-mato-grossense. 2010. Mestrado (Geografia Humana) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal

da Grande Dourados. Dourados, MS: 2010. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-geografia/dissertacoes/robinson-santos-pinheiro>>. Acesso: 15/10/2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989..

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Trad. Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007. 128 p.

WOODWARD, Kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. e org. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7-72.

Recebido em: 03/02/2012

Aceito em: 30/04/2012

